

Uma parte de nós

Temos, por natureza, a tendência de utilizar a princípio o olhar julgador e uma grande dificuldade em despir a armadura impenetrável da nossa certeza, impedindo a luz da verdade iluminar nossos olhos. O que Gong Ji-Young faz em sua obra é mostrar que toda história tem dois lados, que por mais “justo” que sejamos ninguém é desprovido de qualquer mácula. No fim, “não há um justo, nem um se quer”. Somos humanos, suscetíveis aos mesmos erros, sob o olhar julgador de pessoas compostas da mesma fragilidade, que se acham detentores de tal poder decisório, mas no fim são feitos da mesma matéria, sujeitos as mesmas quedas. Se há algo que Gong Ji-Young faz com maestria é fazer com que duvidemos de nossas próprias certezas constantemente.

Em uma anotação azul misteriosa, um confessionário de um criminoso surge, com palavras de determinação e ao mesmo tempo de ironia e desdém, pelas marcas de uma história de vida dolorosa e permeada pela miséria extrema, esta de duas formas: a mais “comum”, de renda e a mais dolorosa, de amor. Assim, é proferido o nojo deste pela ganância e injustiça ao comparar aqueles que de tudo possuem e usufruem, mas pouco fazem, as “ratazanas em seda fina”, e que, possivelmente, ele tendo posse de tal poderio econômico poderia desempenhar papel mais significativo na sociedade, mesmo duvidando de si mesmo às vezes.

Posteriormente, um novo personagem surge, Yujeong, em sofrimento, pela dor da perda daquele que é descrito quase como um ser angelical. Alguém que para ela é responsável pela mudança de sua vida, quebrando as correntes de sua ignorância, destruindo a verdade presumida por alguém que sempre viveu na obscuridade da sua caverna, como em Platão, e apenas através deste homem, ela retirou de si as amarras que a prendia a própria cegueira. Yujeong nos acompanha através de toda narrativa, como narrador personagem e observador, deixa a dor do presente voltando ao passado.

A princípio, é difícil entender o porquê de alguém com uma vida de tantos privilégios, da alta classe e vida que poucos teriam, está em uma cama de hospital se recuperando da terceira tentativa de suicídio. Desde o início ela apresenta sua natureza incisiva e irônica, como daqueles que em sua própria ironia mente para si mesmo, se fazendo

de forte e indomável enquanto sentimos pelos seus pensamentos a ânsia pelo afeto, revelando aos poucos seu verdadeiro eu.

Yujeong, famosa pela sua bela voz ao cantar o hino nacional, mas já aposentada, tem um histórico de relacionamentos não duradouros. Por maiores que fossem seus impulsos ela sempre criava uma barreira que a impedia de dar o próximo passo. Com 30 anos, deixada pelo noivo, rodeada pelo sucesso acadêmico e profissional de seus irmãos e sua formação em artes em uma universidade pouco conceituada, além de uma vida de “hábitos questionáveis” como o fumo e a bebida, são fatores que contribuíram para o olhar julgador de sua mãe como a vergonha da família. Em meio a tudo, uma pessoa a dá mais valor, tia Monica, sua tia e freira, que estabelece duas opções: as mesmas sessões de terapia ou ceder suas quintas-feiras a condenados ao corredor da morte, um especificamente, Yunsu que tem como último desejo ouvir o hino nacional cantando por Yujeong, música preferida de seu irmãozinho Eunsu.

Assim, se iniciam as sessões de quintas-feiras. Na primeira reunião Yujeong mostra sua natureza individualista chegando 30 minutos atrasada, sendo o tempo moeda de ouro para os condenados, já que não sabem quando tempo os resta e possuem a chance de contato humano apenas uma vez por semana. Em uma sala composta por três pessoas: Yujeong, tia Monica e o guarda Yi. Chega tímido Jeong Yunsu, um condenado de 27 anos, com grilhões de ferro e aço que limitavam o exercício de funções mínimas como comer, tendo que se alimentar como um cão, ou se limpar após fazer suas necessidades. Estes grilhões feriam seus punhos e sua dignidade como se o quisesse lembrar, constantemente, de quem ele era e porque estava lá.

Nas primeiras reuniões apenas tia Monica falou com Yunsu, com toda sua doçura e paciência, trazendo doces como se não falasse ou trouxesse doces a um criminoso, mas sim a uma criança inocente. Yunsu desde o início se demonstrou respeitoso nos fazendo pensar por que alguém como ele estaria sendo condenado à morte, o que teria feito? Movida pela mesma curiosidade e ímpeto Yujeong pesquisa e descobre que ele havia matado uma mulher, e estuprado e matado a filha desta, de 17 anos, dizendo não se arrepender, pois os ricos mereciam morrer.

A cada anotação azul revelada, uma parte de mim lia com pesar e empatia sobre o passado de um garoto maltratado ao longo dos anos a princípio pela família e, posteriormente pela sociedade, e no fim me peguei pensando se não também por Deus. Virei à página. Finjo

o espanto, pois aquele que observei com minha lente mais altruísta, agora era na verdade aquele tido como criminoso, Yunsu.

E é ele, Yunsu, a chave para as nossas inquietações. Incrível é pensar que o que mais ansiamos é o relato do criminoso, talvez pelo medo, haja vista que desde o primeiro momento, na primeira quinta-feira nos deparamos com o nosso eu observando com um olhar simpático e posteriormente amando, aquele que foi julgado e taxado como homicida e estuprador, e que pela lógica social e de justiça, por menor que nos fossem passado ao longo de nossa criação, nos diria que deveríamos ao menos ter a repulsa pela brutalidade, dor e sofrimento que este homem trouxe a uma família e essas são as inquietações de Yujeong. Como desvincular a imagem inicial de Yunsu a de um criminoso? Se as pessoas más fossem apenas más seria mais fácil, mas nada é tão homogêneo e simples. Toda história tem dois lados.

É por meio das anotações que o conhecemos mais, como se víssemos dentro de sua alma. Abandonado pela mãe, tendo consigo apenas um pai alcoólatra e um irmãozinho. O amor nunca esteve presente neste “lar”, exceto por Eunsu. A vida dos irmãos era marcada por privações e surras. Eunsu foi envenenado pelo próprio pai e quase morreu, como sequela, ficou cego, mas a pureza em seu coração nunca se esvaiu. Após, seu pai se suicidou com o mesmo veneno que dera a Eunsu. Assim eles são destinados ao orfanato e continuam sendo maltratados, até que sua mãe os encontra e os leva para casa. Por um minuto penso que dará certo, mas com uma vida formada, uma nova família, eles não se enquadram nesta realidade e são abandonados pela segunda vez.

Um duplo abandono, um novo trauma. Yunsu que já tinha natureza impulsiva se torna cada vez mais violento. De modo que, aqueles irmãos ficam vagando entre orfanatos, ruas e casas de detenções. Ambos, vítimas da sociedade e do Estado, que nunca fizeram nada que pudesse os assegurar qualidade de vida, sofrendo constantemente abusos físicos e psicológicos, roubando para sobreviver. Assim, Eunsu morre nas ruas após ver ser irmão que acabara de sair da prisão e cantar o hino nacional pela última vez, como se fossem abençoados por aquela nação.

Após algumas reuniões Yujeong percebe como ela e Yunsu se pareciam. A raiva que sentiam e o desprezo pela vida, da qual dificilmente se lembravam de momentos de felicidade, e a repulsa pela hipocrisia. Hipocrisia esta dos discursos de uma sociedade hedonista, esbanjando luxúria, de hábitos lascivos, com bocas sujas de prostituição, fazendo o

que desejam apenas pelo fato de estarem pagando, e de palavras cruéis e obscenas, mas que vez ou outra desempenhavam ações benevolentes e altruístas a fim de servirem como reboco para suas condutas e vontades saciadas, e como se não bastasse, com olhar de desprezo se julgavam melhores que os outros.

A mais intensa das quintas-feiras, sem dúvida se dá quando a mãe da vítima de Yunsu fica face a face com ele. Com o intuito de pedir perdão pelo ódio que sente ela vai ao encontro dele com um humilde bolinho de arroz. Naquele momento, assim como todas naquela sala, peço a Deus que tudo dê certo. Gong Ji-Young narra tão intensamente este momento, que mal conseguimos respirar. Mas, se há algo mais difícil que perdoar, desconheço. Aquela senhora explode como uma bomba questionando o porquê e Yunsu, como um animal indefeso, gemendo, pede perdão. Tal fato faz Yunsu, que já se demonstrava mais aberto às reuniões adoecer.

Ao analisar, percebemos que a Yujeong de antes, fútil e egocêntrica, se tornara uma pessoa antes e depois de Yunsu. Em dados momentos ela se pegava pensando em como estaria os prisioneiros no calor do verão ou no frio do inverno, como compravam seus objetos se nada possuíam em sua conta bancaria e como eram tratados pelos funcionários? Ao conhecer a realidade através do trabalho de seu tio, um psiquiatra, ela percebe os efeitos no comportamento daqueles que ao longo da vida sofreram inúmeros traumas, tornavam-se mais violentos e potencialmente mais propícios à criminalidade. Em contrapartida, havia a inércia do Estado a esta realidade que surgia quando a situação se tornara quase ou irreversível, para punir.

Quem é esse ser tão bom despido de qualquer inequidade, equiparado ao mais próximo da perfeição, que teria poder de apenas com uma assinatura decidir a vida ou morte de alguém? Como um juiz pode repousar tranquilamente tendo em suas mãos o sangue de várias pessoas? E, além disso, por que imputar penas imutáveis a seres mutáveis, que estão fatídicos ao erro e propensos ao recomeço? Essas são as indagações de Yujeong e as nossas. Quem são os verdadeiros animais? Como diria George Orwell no fim, não era mais possível distinguir os porcos dos homens.

Após o retorno do câncer de sua mãe, a quem odiava, Yujeong decide ver Yunsu ao invés de sua mãe. Em uma sala com Yunso, Yujeong e o oficial Yi, esperamos ansiosos pelo momento daquela que sempre se manteve calada finalmente falar. E ela se abre com toda sinceridade, revelando sua conexão com Yunsu, seus pensamentos, sua raiva e o porquê de

sua infelicidade. Ela fora estuprada pelo seu primo aos 15 anos e no momento em que mais precisou de sua mãe, foi ignorada, tido como louca, como se tivesse culpa pelo ocorrido e surrada, pois seu primo era de grande valor as relações econômicas da família. Senti a dor de Yujeong. Chorei. Ninguém respirava. E naquela reunião é estabelecida uma regra: conversas verdadeiras. A partir daquele momento, cada reunião era tida como a última de suas vidas e a sinceridade reinava, já que ninguém sabia ao certo quando iram morrer.

Assim como aquele trio de idiotas, Yunsu, Yujeong e o oficial Yi, desejavam que todos os dias fossem quinta-feira eu também ansiava. A cada dia Yunsu se tornava uma pessoa melhor e decidira entrar para o clube de hipócritas aceitando Jesus. Yunsu reconheceu seus erros, lia livros, e doava o dinheiro que tia Monica o dava para os necessitados na prisão e para as crianças da escola de Taebaek, por não possuíam dinheiro para comprar materiais escolares. Ele tinha como principal sonho realizar o desejo daquelas crianças de ver o mar. Yujeong se responsabiliza a realizar este sonho, por amor a Yunsu e ele pede que tirem fotos para que ele possa ver. Mas, Yunsu é executado.

Malgrado, o tempo que durou foi o tempo necessário, apesar de Yunsu ter sido morto injustamente por um crime que não cometeu, assim como Yujeong, nos tornamos pessoas melhores por conhecê-lo. Com ele aprendemos apreciar cada momento, cada estação. E com tia Monica que a hipocrisia não é algo tão ruim, é apenas o nosso eu reconhecendo as nossas imperfeições, na tentativa de melhorar a cada dia, mas ainda sim, carregando a humildade de Orestes, reconhecendo quando somos falhos. Com Yujeong aprendemos que a aparência não revela tudo. Em suma, Gong Ji-Young nos ensina que antes de lançar pedras olhe para si, pois cada um destes personagens é uma parte de nós.